



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.

HELEN MICHELE TORRECILLAS

INIMIGO DO REI. A MÍDIA ALTERNATIVA ANARQUISTA:
ESTUDOS DE CASOS. BRASIL.
(1977 - 1988)

LONDRINA

2008

HELEN MICHELE TORRECILLAS

**INIMIGO DO REI. A MÍDIA ALTERNATIVA ANARQUISTA:
ESTUDOS DE CASOS. BRASIL.
(1977 - 1988)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em História pela Universidade
Estadual de Londrina, como
requisito parcial à obtenção de
Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Hernan Ramiro Ramirez

LONDRINA
2008

HELEN MICHELE TORRECILLAS

INIMIGO DO REI. A MÍDIA ALTERNATIVA ANARQUISTA:
ESTUDOS DE CASOS. BRASIL.
(1977 - 1988)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual de Londrina, de acordo com o programa de concentração em História Social, vinculado a Linha de Pesquisa, Territórios do Político. Como requisito parcial do título de Licenciado.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº.Drº. Hernán Ramiro Ramirez
Universidade Estadual de Londrina

Profº. Drº. Paulo Alves
Universidade Estadual de Londrina

Profº Drº Alberto Gawryszewski
Universidade Estadual de Londrina

LONDRINA

2008

DEDICATÓRIA

Aos olhos claros e serenidade tocantes de meu avô Paulo Lengoski.
Aos assobios e gargalhadas encantadoras de meu avô João Torrecillas Mijoler.

Aos abraços afetuosos e dedicação amável de minha avó Lazineira.

A privação de vocês não estarem mais aqui dói.

A todos meus antepassados, pois sem a luta e bravura deles,
não seria possível a “minha” HISTÓRIA.

Para vocês, aqui presto minha retribuição, com gratidão e amor.

Helen M. Torrecillas

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, por me despertar a leitura ainda quando criança me dando livros para ler, por gostar de contar histórias da família e de sua vida de uma maneira tão única e fantástica, e não me fazer cansar de ouvi-las pela milionésima vez (isso não inclui as piadas), por me apoiar em tantas coisas mesmo quando elas contrariam as suas idéias, pela educação que me deu. A minha mãe por me gerar e dar a possibilidade de conhecer esse mundo. Obrigada pelos esforços e privações que fizeram, e tem feito.

A meu irmão mais velho Welington, por estar sempre disposto a ajudar, pela confiança, e dizer “vá em frente que você consegue”, estar comigo nos momentos mais confusos e engraçados da nossa vida, como nos terremotos, e me carregar para todo lado. Ao meu irmão mais novo Halisson, por ser um mala sem alça e não me ajudar quando o computador estragava, e o desespero de perder o TCC tinha tomado conta do meu ser, eu agradeço pois com isso eu aprendi muita coisa sozinha, valeu ai!

As minhas duas avós, Irma e Maria por serem essas doçuras de mulheres, se mostrarem mais fortes do que imaginávamos, e todos os familiares que de alguma forma me ajudaram.

Ao Zé por incontáveis dias de apoio, compreensão e amor que vêm me dando, por ser o responsável pela escolha do tema anarquismo, por me socorrer quando o computador estragava e quando o cansaço se mostrava presente, sem seu apoio seria difícil concluir essa etapa da vida, você é um dos motivos dos meus sorrisos.

Ao Everton, Lucia e a avó Zeneida (em memória), que me ajudaram na caminhada durante esses anos de faculdade, obrigada por me receberem com verdade na vida de vocês.

Aos meus amigos de Santa Catarina, Fernando Cantelle, Cristiane Manika, Dirlei Kucarz, Duda, pelo suporte a distância, pelas conversas e respeito.

Susaninha, Fer Charis (minhas flores), Mario Junior, Luana, Bel, Ambrogi, Hendrigo, Thiago por me acolherem na vida de vocês com carinho e verdade, ajudando em tantos trabalhos, estágios, a me enturmar, e hoje fazem parte de inúmeras histórias que irei poder contar sejam elas engraçadas, como as terças insanas, a fuga dos macacos, e outras não tão engraçadas assim. Para mim vocês são “práticos, normal”.

Ao Pr^o Dr^o Hernán Ramiro Ramirez, pela paciência de me orientar mesmo quando eu sumia do mapa, e principalmente por dedicar parte de seu tempo para a

efetuação desse trabalho que faz parte da conclusão de uma etapa tão importante da minha vida, muito .

Ao Carlos Baqueiro, que mesmo não me conhecendo pessoalmente, foi de uma gentileza enorme, me enviando os jornais digitalizados, livros, referências de apoio e pelas conversas esclarecedoras, parabéns por propagar esse jornal tão importante e interessante, e por defender as idéias anarquistas, toda sorte para você.

Ao Rafael Avansini por traduzir o resumo, Toitio por colaborar com as normas da ABNT e todos os Itaiones, por dar um ar mais leve quando o clima estava pesado.

A todos os professores que fizeram parte de minha formação, desde a Dinâmica, Hugo Simas, Universidade do Contestado, e hoje a Universidade Estadual de Londrina, todos de suma importância para a formação que hoje estou conquistando.

A todos que fazem parte da turma de História, formando-se ou não, matutino ou noturno, agradeço a companhia as conversas, simpatias ou antipatias. Aos amigos que se foram, os que a memória já não recorda.

Agradeço a Santa do CCH, aos Ramones por embalarem as horas de digitação, a internet por me possibilitar encontrar tantos recursos para minha pesquisa, aos funcionários da Uel, ao Seu Gomez e Marcela que nos proporcionavam alegrias nos intervalos, um saudoso obrigada.

E agradeço a mim mesma, que depois de tanto suor, horas de leitura, contratempos, desânimo, cansaço, e medo, consegui concluir uma meta tão almejada.

Mais uma vencida, e que venha a próxima!

RESUMO

A proposta deste trabalho é investigar as idéias anarquistas presentes no jornal o Inimigo do Rei entre o período de 1977 a 1988, tendo como fonte primária 16 edições publicadas. Partindo de um panorama geral, onde o leitor poderá se situar sobre o tema mídia alternativa. Seguindo adiante, a proposta é de dar uma breve visão sobre o que é anarquismo e suas vertentes.

Além disso, observar como o anarquismo se propagava nas páginas do jornal, através da análise de casos, foram escolhidas algumas reportagens, nas que fazemos considerações sobre as idéias contidas e o modo como as matérias eram diferentes, tornando- as, assim, em mídia alternativa.

Palavras-chave: *mídia alternativa, anarquismo, jornal, Inimigo do Rei.*

RÉSUMÉ

La proposition de ce travail est d'enquêter les idées anarchistes présentes dans le journal "L'ennemi du Roi" entre la période de 1977 à 1988, en ayant comme source primaire 16 éditions publiées.

En partent d'un panorama général, où le lecteur pourra se situer dans le thème média alternative.

Pour suivre en avant, la proposition est de donner une brève vision sur ce qu' est l'anarchisme et ses versantes.

En outre, observer comme l'anarchisme se propageait dans les pages du journal, à travers de l'analyse de cas, ils ont été choisi quelques reportages dans lesquelles on fait des considérations sur les idées contenues et la manière commes les matières étaient différentes, en se devenant, ainsi, en média alternative.

Mots – clés: *média alternative, anarchisme, journal, Ennemi du Roi*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 – Visão geral da imprensa alternativa no Brasil.....	13
1.1. O que quer a mídia alternativa?.....	15
1.2. Definindo o termo “imprensa alternativa”.....	17
CAPÍTULO 2 – Anarquismo: sentidos e propostas.....	19
CAPÍTULO 3 – O Inimigo do Rei.....	24
3.1. Estudos de caso:	26
3.2.1. Qual é a de Lula?.....	27
3.2.2. Presídios: Onde se forma o doutor em marginalidade.	31
3.2.3. Nem preto, nem bicha: Maconheiro. Káthia Regina Borges.....	34
3.2.4. Voto Nulo – A luta libertária. Carlos (Órgão Asno- Curitiba).....	37
CONCLUSÃO.	40
ANEXOS.	42
BIBLIOGRAFIA.	58

Introdução

Aquele que botar as mão sobre mim, para me governar, é um usurpador, um tirano. Eu o declaro meu inimigo.

Pierre – Joseph Proudhon

Pesquisar sobre a mídia alternativa é um trabalho difícil, mais ainda já que não foi possível o contato com as fontes primárias, sendo assim, utilizados digitalizações do mesmo. A dificuldade de encontrar material para a pesquisa foi também um dos aspectos que tornaram esse trabalho quase que exploratório. Mas cabe a nós futuros historiadores optar pelo diferente, e pelo instigante, como Foucault descreve abaixo sobre outro assunto.

Os historiadores, como os filósofos e os historiadores da literatura, estavam habituados a uma história das sumidades. Mas hoje, diferentemente dos outros, aceitam mais facilmente trabalhar sobre um material "não nobre".¹

Escolhendo o Brasil para ser analisado, foi efetuado o recorte geográfico. Meu objetivo, não será analisar a mídia alternativa no aspecto mundial, porém sendo se necessário em alguns momentos, remeter-se a ela fazendo uso de algumas referências, já que a mídia alternativa surgiu e está presente em vários países.

Para fazer o Recorte temporal, recorro a palavras de Rivaldo Chinem ...“entre 1964 e 1980 nasceram e morreram cerca de trezentos periódicos que se caracterizavam pela oposição intransigente ao regime militar”.² ou

¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. p.74 Versão digitalizada disponível em <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/microfisica.pdf>> Acessado em 13 de Novembro de 2008.

² CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995, p.7.

seja parte desse período será analisado por esse trabalho, que está inserido no período da ditadura civil militar brasileira, especificamente de 1977 a 1984.

Feita a escolha do tema geral que é a mídia alternativa, procuramos nos centrar na mídia alternativa anarquista.

Mas porque a mídia anarquista? Como irei problematizá-la? Como ela se relaciona com o país nesse período? Esse objeto de pesquisa surgiu do interesse pessoal, curiosidade em compreender essa linha de pensamento, e quebrar pré-conceitos sobre o termo anarquia, mostrando o embasamento desse pensamento e como ele se divulgou dentro desse jornal. Através da análise da mídia alternativa anarquista talvez possamos desconstruir a visão que a sociedade em geral tem sobre ela (se é que tem alguma).

Assim, como pelo geral na história acadêmica se busca não apenas a história oficial tradicional, este trabalho tem como intenção fazer o mesmo percurso, porém tendo como objeto central a mídia, buscando assim, suscitar questionamentos e reflexões que não são abordados na mídia oficial, que de uma forma ou outra, “mexem” com interesses maiores.

Como procedimento metodológico foi feita a escolha do jornal *O Inimigo do Rei*, estava com muita dificuldade de ter um ponto de partida. Esse veículo se insere no conjunto da imprensa considerada alternativa, ou mesmo "nanica", como a definem alguns autores. Em busca de mídias alternativas anarquistas na internet, encontrei Carlos Baqueiro que, além de participante do *Inimigo*, tem um blog a respeito do mesmo. Após conversas com o mesmo consegui 16 edições, das 22, escaniadas.

O anarquismo é uma ideologia política que defende o fim de qualquer tipo de governo, sempre é confundido com bagunça, mas na realidade não é

isso. As palavras gregas *anarchos* e *anarchia* tem como significado sem governo ou estando sem governo. Portanto, anarquismo, pode ser interpretado, em seu significado estrito, original, simplesmente como nenhum governo. *Anarchy* significa sem um governante, ou mais abrangente, sem autoridade, e é nesse sentido que os anarquistas têm continuamente adotado a palavra. Um dos principais ideais que são base do anarquismo é de que o governo é supérfluo, violento, tendo em vista que toda população pode voluntariamente se organizar e viver em harmonia.

Anarquismo é um movimento que pretende criar anarquia, "a ausência do senhor, do soberano".³ Em outras palavras, o anarquismo almeja criar uma sociedade na qual os indivíduos cooperem livremente entre si como iguais. Assim, o anarquismo se opõe a todas as formas de controle hierárquico, seja ele do estado ou de capitalistas, por ser danoso tanto ao indivíduo quanto à sua individualidade e, portanto desnecessário.

De vários movimentos, o anarquismo é a que mais afirma o homem como centro da sociedade, buscando dar ao indivíduo as condições de um ser humano responsável por si próprio e por sua sociedade. Não o afirmando como individualista porem como "dono de si" e de suas ações.

O anarquismo é uma proposta de sociedade contrária ao capitalismo. Dentro do anarquismo existem vertentes, como o anarquismo individualista com Proudhon, Max Stiner, anarquismo comunista com Kropotikin, e anarquismo coletivista com Bakunin, alguns dos principais pensadores. Anarquismo é um corpo de idéias, mas elas são flexíveis, em um constante

³ PROUDHON, Pierre Joseph. *O que é a propriedade?* Lisboa: Estampa, 1975, p. 264.

estado de evolução e movimento, e abertas para serem modificadas diante novas informações.

Existem vários tipos de meios de comunicações: redes de televisão, estações de rádio, internet, revistas, jornais impressos, etc. Dentro destas, as de maior audiência são as redes privadas, ou seja, a mídia popular de fácil acesso. Os meios de comunicação, principalmente, os privados têm como objetivo maior obter audiência para ter patrocinadores, que constituem a base de sustentação das mesmas, sendo a televisão a mais ouvida e assistida.

Qualquer emissora que coloca no ar um programa tem que ter audiência para que haja empresas que divulguem seus produtos. E, para conseguir tal audiência, esses meios tentam de qualquer forma serem atrativos para o telespectador, tornando os programas em espetáculos.

Porém com a mídia anarquista, assim como as demais mídias alternativas, existem certas dificuldades em se conseguir fontes de financiamento. Os anarquistas frequentemente criam zines, ou folhetos, pelo fato de serem mais viáveis, com o intuito de poder divulgar seus ideais, debater temas chocantes, política, cultura, e principalmente uma forma de militância do anarquismo. Nem sempre estão à disposição da sociedade em geral e tem uma circulação não tão abrangente.

Diferentemente, a mídia anarquista não visa Ibope, lucros, pois não possui patrocinadores, nem produtos à venda.

O presente objeto de pesquisa se confunde muitas vezes com as fontes utilizadas. A fonte funciona como um quase objeto. Nesse sentido, apresento informações sobre organização, distribuição e tiragem do jornal *O Inimigo do Rei*, que foi um periódico feito de forma artesanal, sendo de auto-gestão, e

como já dito sem visar o lucro. O uso dos depoimentos foi secundário, embora de um valor imenso, todas as entrevistas foram realizadas por Carlos Baqueiro em seu trabalho sobre o jornal *O Inimigo do Rei*, e gravadas em DVD e disponibilizadas no site Youtube. Além, é claro, de muitas horas de conversa com Carlos Baqueiro que só acrescentaram a este trabalho.

O estudo desse tema se junta a vários outros trabalhos elaborados sobre a imprensa alternativa dentro da historiografia brasileira, com destaque para o livro de Bernardo Kucinski *Jornalistas e Revolucionários*, que é um bom ponto de partida devido a seu aspecto panorâmico.⁴

⁴ Bernardo Kucinski é professor de jornalismo na escola de Comunicações e Artes da USP.

CAPÍTULO 1

Visão geral da imprensa alternativa no Brasil

Apesar de complexo, o fenômeno alternativo teve contornos nítidos no tempo, como outros surtos da história do nosso jornalismo, entre os quais o dos pasquins irreverentes e panfletários do período da Regência, que atingiu o seu apogeu em 1830 com cerca de cinquenta títulos, e dos jornais anarquistas de operários, meio século depois (1880-1920), com quase quatrocentos títulos.⁵

Essa citação de Kucinski ilustra bem o panorama da mídia alternativa no Brasil, muitas obras foram produzidas, as que denotam um sentido embrionário a mídia anarquista brasileira, que viria a se tornar mais consistente e mais combatida no período analisado, embrião esse que deu continuidade a essa linha de mídia, hoje sendo muito divulgada pela internet. Durante os anos 70, circularam no Brasil inúmeros jornais de tamanho tablóide, que se caracterizaram pela oposição ao regime militar, ao modelo econômico, à violação dos direitos humanos e à censura. Essas publicações ficaram conhecidas como *imprensa alternativa, de leitor, nanica, independente ou underground*.

Ao fim de 15 anos de ditadura militar brasileira, haviam nascido cerca de 160 periódicos de vários tipos – satíricos políticos, feministas, ecológicos, culturais – que tinham como traço comum a intransigente oposição ao governo. Hoje pertencem à história. Todos desapareceram. Leitores que não conheceram esses jornais não têm idéia dos momentos de encantamento que provocavam, de como incomodaram os militares, de como começavam bem e acabavam invariavelmente mal. Não imaginam o que poderia levar jornalistas consagrados a embarcarem, com um punhado de focas, ativistas políticos e intelectuais, naquelas naus incertas “sem aviso prévio e sem qualquer itinerário”, como disse o poeta.⁶

Kucinski (1998, p.178), integrante do movimento jornalístico alternativo da época e, atualmente, prestigiado pesquisador do tema, lembra que esses

⁵ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. 2ed. São Paulo: Edusp, 2003, p.XXI.

⁶ KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998, 2002, p.178.

periódicos foram chamados, inicialmente, de *imprensa nanica*, devido ao formato pequeno adotado pela maioria, como o dos tablóides. A palavra *alternativa*, com maior densidade semântica, já usada nos Estados Unidos e na Inglaterra, para designar arte e cultura não-convencionais, foi aplicada por Alberto Dines, em janeiro de 1976.

Além de designar práticas não ligadas à cultura dominante, alternativa também significa optar entre duas coisas reciprocamente excludentes, a única saída para uma situação difícil e o desejo de protagonizar transformações. A imprensa alternativa dos anos 70 era tudo isso ao mesmo tempo. Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos faziam à crítica sistemática do modelo econômico. Inclusive nos anos de seu aparente sucesso, durante o milagre econômico, de 1968 a 1973, destoando, assim, do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa, construindo dessa forma todo um discurso alternativo.⁷

Como lembra Caparelli,⁸ a imprensa alternativa foi bastante expressiva durante o regime militar, está presente em muitos outros momentos da história política e social, não só do Brasil, como de vários outros países. No entanto, foi nesse período de exceção e, especialmente, de forte controle dos meios de comunicação de massa, que esses veículos se multiplicaram e atuaram com maior intensidade. Os conflitos humanos, assim como novas categorias para explicar a vida, serviram como pano de fundo para a criação de periódicos nessa linha. *Beijo* (Rio de Janeiro, 1977), por exemplo, discutia abertamente questões como homossexualidade e prazer. Os ideais feministas também tiveram lugar nas páginas desses jornais: *Brasil Mulher* (Londrina, 1975) e *Nós Mulheres* (São Paulo, 1976) foram alguns dos representantes desse núcleo, inspirado, especialmente, nos textos de Simone de Beauvoir. Diversidades nos temas e nas abordagens sempre aconteciam com os alternativos.

⁷ Id. p.179

⁸ CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. Porto Alegre: Summus, 1986, p. 48-49.

Um dos primeiros foi *Pif-Paf*, lançado em 1964, por Millôr Fernandes, conseqüentemente, *O Bondinho*, *O Pasquim*, *Movimento* e muitos outros, de cunho satírico, político, feministas, ecológicos, culturais entre outros, hoje em dia pertencendo à história do jornalismo brasileiro. Os jornalistas e desenhistas Ziraldo, Millôr, Jaguar, Claudius, Henfil, Loredano, Fortuna, foram alguns dos participantes desse nascimento da mídia alternativa.

Kucinski em sua obra, *A síndrome da antena parabólica*, pontua a influência de três atores sociais na formação da imprensa alternativa brasileira: as esquerdas, com seu desejo de protagonizar transformações; jornalistas buscando alternativas ao fechamento de seus espaços na grande imprensa; e intelectuais encurralados pelo ambiente repressivo que se instalou nas universidades. "É na dupla oposição ao Estado militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos" (KUCINSKI, 1998, p.183). De acordo com o autor, o papel dos humoristas foi fundamental para a imprensa alternativa, pois, para eles, o espaço de publicação nos jornais fechou-se quase por completo, dada a contundência natural do humor crítico, exatamente num momento em que os traços grotescos do golpe de 1964 detonaram dentro deles uma fúria criativa.

1.1. O QUE QUER A MÍDIA ALTERNATIVA?

Não era apenas o discurso ideológico partidário que levava ao surgimento dos alternativos, existiam também outros discursos como, anarquismo, orientalismo, contracultura americana, homossexualismo, feminismo, anti-

autoritarismo, existencialismo, ecologia, todos esses temas, são ideais para nascer à mídia alternativa, em comum quase todos tinham oposição ao governo, à revolta com o modelo econômico Brasileiro, ao contrário da grande imprensa da época. A mídia alternativa visa denunciar, chocar, alertar.

Havia, basicamente, duas grades classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos 50 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos 60. (...) ⁹

A outra classe de jornais foi criada por jornalistas que passaram a rejeitar a primazia do discurso ideológico. Mais voltados a crítica dos costumes e à ruptura cultural tinham suas raízes nos movimentos de contra-cultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo (...) ¹⁰

Para quem estava à procura de informações revolucionárias, diferentes, e uma abordagem crítica sobre todos os assuntos, o meio mais viável eram os jornais alternativos, zines, tablóides, músicas. Que eram elaborados e divulgados por jornalistas e demais militantes de mudança.

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizarem as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. ¹¹

Nessa época, diante a censura e todo o contexto que o país estava passando, escrever era uma forma um pouco mais “segura” de expressar sua indignação com a situação vivida, podendo se utilizar de nomes fictícios para assinar sua reportagem e assim não sofrer diretamente com a censura.

⁹ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. 2ed. São Paulo: Edusp, 2003. p.XV

¹⁰ Id. p. XVI

¹¹ Op cit. p. XVII

O uso da mídia alternativa foi de suma importância para que a esquerda do período colocasse seus ideais e conceitos para a população, usando codinomes, locais secretos para discutirem e através desses elementos articulados a mídia alternativa se fez presente e mostrava o outro lado do período.

1.2. DEFININDO O TERMO IMPRENSA ALTERNATIVA.

Imprensa alternativa, segundo o dicionário Aurélio é: órgão de imprensa que se caracteriza por uma posição editorial renovadora, independente e polêmica.

Leila Miccolis organizadora de um catálogo de publicações alternativas brasileiras definiu o que poderia ser dito como “imprensa alternativa”, citado em *Imprensa Alternativa* de Rivaldo Chimen.

Ao classificar as várias publicações que saíam apesar dos anos de chumbo (...), a poetisa Leila Miccolis separou o que chamou de nanicos-em geral mimeografados, com tiragens pequenas, em papel-ofício grampeados-dos alternativos, como considerou os tablóides e mini tablóides de médio porte, muitos com esquema de distribuição nacional até bancas de jornal. O critério para Leila definir o que seria alternativo foi à presença de algum tipo de resistência contra cultural no sentido amplo, de público universitário, de teatro, de música, de propaganda, de asa-delta, de cinema, místico-filosófico, de fanzines, de grupos estigmatizados (negros, mulheres, homossexuais, índios), de literatura, de alimentação natural, de costume, de ecologia, de variedades, etc. Foi bastante empregado na época o termo “geração do mimeógrafo”, tal o número de poetas que assim publicavam sua arte e saíam vendendo a tiragem de mão em mão.¹²

Após a leitura e análise desse trecho e de leitura no blog de Leila¹³ foi possível deduzir alguns traços marcantes da imprensa alternativa.

¹² CHINEM, Rivaldo. *Imprensa Alternativa*. São Paulo: Ática, 1995, p. 38,39.

¹³ <<http://www.blocosonline.com.br>> Acessado em 14 de Maio de 2007

Ser alternativo pressupunha fazer oposição à ditadura, ser inovador e resistir contraculturalmente, ter produção e distribuição diferentes da grande imprensa.

Se opor à ditadura era um dos pontos em comum, porém, na parte contracultural e no meio de produção, havia várias particularidades.

Contudo Leila, também faz referência a outro ponto de vista, afirmando que nanicos e alternativos podem ter outros aspectos.

Em matéria de alternativo tudo pode acontecer de revistas de luxo a páginas datilografadas, de encartes que crescem tanto a ponto de se transformarem em revistas, suplementos e colunas literárias que divulgam notícias e textos sobre produção independente, mesmo dentro de jornais da grande imprensa.¹⁴

A imprensa alternativa como já citado acima, agregava vários tipos de publicações, temas, formato, contudo, todas essas representações se encaixam no perfil da mídia alternativa, essa diversidade é uma de suas marcas.

¹⁴ MICCOLIS, Leila. Entrevista disponível em <www.blocosonline.com.br/home/index.php> Acessado em 20 de Agosto de 2008.

2. ANARQUISMO: sentidos e propostas.

Como já temos apresentado na introdução um breve panorama sobre o anarquismo, nesse capítulo caberá desmembrar um pouco o tema, lembrando que o propósito não é analisar se essa ideologia funcionaria ou não, e sim apenas explicar sobre ela, discorrendo sobre seus principais conceitos.

O estado é um sistema de governo de cima para baixo em que uma minoria comanda uma imensa massa de homens das mais variadas classes sociais, ocupações, interesses e aspirações.¹⁵

A principal idéia que rege o anarquismo é de que o estado é desnecessário, tendo em vista que a população pode voluntariamente se organizar e viver em harmonia.

De acordo com os principais anarquistas, o homem é um ser que por natureza é capaz de viver em paz, desde que o governo não exista. Pois como citada acima a frase de *Woodcok*, esse sistema que nos governa é classista e excludente, assim sendo, injusto com a maioria das camadas sociais, levando a população a uma submissão involuntária.

Todas essas idéias levam a outras propostas, como uma revolução social que teria como objetivo a anarquia, criando uma sociedade libertária, o fim do consumismo que é uma doutrina na grande massa da população, de fronteiras sociais, culturais, respeito às diferenças, ou seja, o fim do pré-conceito, e claro a total ausência de poder.

¹⁵ WOODCOK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: LP&M Editores Ltda, 1977, p.124

Assim sendo a soberania é de cada indivíduo, levando a pessoa a uma maturidade e a preocupação com o coletivo primordialmente, fugindo da idéia egocêntrica que é pregada com o sistema capitalista.

A liberdade completa implica a libertação da ditadura das abstrações, tanto quanto a libertação do comando dos homens.¹⁶

Assim, como em várias ideologias políticas e sociais, o anarquismo também possui desmenbrações e passou por muitas experiências durante todo o tempo, é importante ressaltar que todos eram favoráveis e adeptos de todas as ideias discorridas anteriormente, o que os diferenciava eram outros aspectos que acabaram se tornando “correntes” dentro do anarquismo. Será utilizado como explicação as concepções encontradas no coletivo de estudos anarquistas *Domingos Passos*, por serem sucintas e de fácil compreensão.

Segundo o Coletivo de Estudos anarquistas Domingos Passos de Niterói essa divisão se faz da seguinte forma: ¹⁷

O Anarquismo filosófico - Lança o sistema de valores de uma sociedade livre e igualitária, sem governantes e governados, opressores e oprimidos, exploradores e explorados. Surge desde a antiguidade da China até a Grécia.

O Anarquismo individualista - Observa a sociedade como a soma de um conjunto de seres indivíduos, e não como um organismo personificado e alheio que os absorve ao tomar vida própria. As responsabilidades sociais de cada sujeito devem se dar, portanto, em relação a outros indivíduos, e não com

¹⁶ Id p.124

¹⁷ Coletivo de Estudos Anarquistas Domingos. <http://www.farj.org/intro_correntes.htm> Acessado em 18 de Setembro de 2008

uma sociedade abstrata, o Estado. Surge na Inglaterra e na França, desde fins do século XVIII.

O **Anarquismo mutualista** - A primeira organização prática com bases Anarquistas surge a partir da corrente mutualista, no continente europeu do século XIX. O mutualismo está baseado no associativismo e no cooperativismo, ou seja, na associação de indivíduos livres que apoiam-se mutuamente para garantir as condições de produção sem exploração. Os meios de produção podem permanecer sendo utilizados de forma individual, mas o produto final pertence a quem trabalhou nele diretamente, portanto não permitindo o seu usufruto pelas classes parasitas.

O **Anarquismo federalista** - Desdobramento da organização anarquista e do apoio mútuo em uma geografia mais ampla que prevê a formação de redes de relações igualitárias e solidárias entre as diferentes associações de indivíduos. Uma federação de cooperativas, uma federação de profissionais ou uma federação de associações de bairro ou municípios estão entre muitas das alternativas de uma organização federativa. É uma forma de organização política e econômica da sociedade libertária em maior escala. Surge no mesmo período.

O **Anarquismo coletivista** - Prega a necessidade de expropriação revolucionária imediata de toda a propriedade excludente pelos trabalhadores para reorganizar a sociedade e a produção com bases libertárias. Todos os instrumentos de trabalho devem ser coletivizados. Está na origem do Movimento Anarquista Histórico. Surge na segunda metade do século XIX, dentro da Primeira Internacional. Defende a luta de classes para promover a

revolução social, o fim das classes, e que a mesma deve, e só pode ser feita sob o controle direto dos próprios trabalhadores, sem qualquer forma de controle Estatal.

O **Anarquismo comunista** - Reivindica a abolição de todo sistema de salários e preços, e o controle de toda a economia pela comuna popular. Tanto os meios de produção quanto os próprios bens produzidos, devem ser propriedade comum. Surge com bastante força em fins do século XIX e o princípio adotado é "de cada um conforme as suas capacidades, e a cada um conforme as suas necessidades". O fundamento teórico para a comunhão total dos bens é a de que todo trabalho é social, e de que os instrumentos com que se produz e a terra cultivada em que se colhe a vida são o resultado do trabalho humano em milênios e grande obra da natureza desde tempos remotos e, portanto, pertencem não a um homem ou mulher, mas à Terra e a toda a humanidade. Foi carro chefe das experiências mais revolucionárias da história contemporânea, principalmente na Ucrânia e na Espanha.

O **Anarquismo sindicalista** - Encontra no Sindicalismo Revolucionário uma forma dos trabalhadores assumirem o controle direto da revolução social e sobre a produção. Surge na França, da cisão dos sindicatos revolucionários com os sindicatos reformistas, na última década do século XIX. Impulsionava o Movimento Operário Internacional, com forte presença em quase todos os países da Europa, da América e da Oceania, além de organizar fortemente a luta operária em outros continentes. Representa o auge do movimento operário combativo em todo o mundo.

Como foi possível observar, existem muitas vertentes porém todas com o mesmo sentido de luta e causa. Cada uma com sua especificidade, algumas mais rudes, outras nem tanto.

Após a leitura dessa sintética compreensão, porém esclarecedora, poderemos seguir adiante onde será feita a análise de casos específicos de matérias retiradas do jornal *O Inimigo do Rei*, todas com idéias anarquistas citados anteriormente.

3. O INIMIGO DO REI

Será utilizado o texto publicado na primeira edição para compreender o propósito do jornal e demais idéias. Segue abaixo o texto transcrito e logo após uma interpretação:

O autoritarismo está sendo combatido em todos os meios culturais europeus. Entretanto, devido à situação política do nosso País, os trabalhos desenvolvidos lá fora são praticamente impossíveis de serem publicados aqui, ao menos em curto prazo. Não só por causa da censura oficial, mas por causa também da censura das próprias editoras. Todas têm sua ideologia.

É tentando furar esse bloqueio cultural imposto – não se enganem – não só pelo Governo, como também por grupelhos que se dizem “progressistas”, que o INIMIGO DO REI pretende desenvolver a divulgação de trabalhos que nos permitam pelos menos ter uma idéia de como e para onde está caminhando o desenvolvimento político, econômico, social, etc.

No que diz respeito ao movimento estudantil, a posição deste jornal é radicalmente contra a dominação de alguns estudantes sobre outros, tentando propor uma saída através de um trabalho autogestionário, isto é, uma organização estudantil forte e que funcione sem a liderança autoritária de pequenos grupos.

O INIMIGO DO REI pretende, por todos os meios realmente democráticos, dar subsídios de discussão e debates que possam proporcionar a formação de uma nova mentalidade de ação e organização do movimento estudantil, tornando-o mais conseqüente, antiautoritário e não-suicida, para não cairmos no mesmo erro que destruiu o movimento estudantil em 1968.

Achamos que o estudante deve ter uma real consciência crítica dos seus problemas havendo, assim, como agradável e salutar conseqüência o desaparecimento do dirigismo e do autoritarismo, permitindo um agrupamento realmente livre de estudantes.

Quando falamos em divulgar novas idéias, a evolução do pensamento, etc., queremos dizer que a finalidade de O INIMIGO DO REI é dialogar sobre a situação vigente no pensamento social moderno. Por outro lado, é um veículo que pretende ser, ele mesmo, uma nova proposta. Quer como organização de trabalho, quer como conteúdo. Nós partimos do ponto de vista fundamental de que todo agrupamento humano deve ser organizado sem chefes, porque, se houver um chefe ou “líder”, essa pessoa, mesmo inconscientemente, exercerá uma pressão – ou mesmo uma ditadura – sobre os “liderados”.

Qualquer liderança implica em privilégio e necessária opressão dos liderados. Achamos que todos os modelos ditatoriais de organização quer de governos, quer de entidades estudantis, refletem o interesse das classes dominantes no sentido de reter privilégios ou de conseguir outros.

Só poderá haver uma liberação quando a organização que coordena esse processo for resultado da vontade livre dos homens livres e não da cabecinha privilegiada das lideranças. Por isso somos contra toda forma de chefia.

A luta deste fim de século é basicamente contra o autoritarismo em todas as suas formas. Nota-se isto sensivelmente na pedagogia moderna, na antipsiquiatria e nos movimentos estudantis de todos os lugares onde a ignorância e o subdesenvolvimento não existem, não gerando, assim, a mediocridade autoritária, centralista, e a alienação dos liderados.

Em decorrência do exposto, é que chegamos à conclusão de que O INIMIGO DO REI deve ser (como pretende mostrar a partir deste seu primeiro número) um jornal que faça chegar aos colegas informações e críticas, repetimos mais atuais. Para isso, o primeiro passo é escapar à tendência de se escrever meros panfletos sectários. Não estamos aqui para jogar uma “verdade” que deve ser aceita cegamente. Aliás, não pretendemos jogar nenhuma “verdade” e muito menos que ela seja aceita sem críticas, de cabeça baixa.

Como meio essencialmente de Comunicação que pretende ser não pode censurar – ou, se preferirem o eufemismo, “selecionar” - as informações que pretende veicular. Sendo assim, nada mais natural do que ser um jornal aberto a todas as críticas. Aliás, uma das finalidades essenciais de O INIMIGO DO REI é exatamente levantar críticas, derrubar mitos, quebrar a falsa indestrutibilidade dos dogmas. Colocar em cheque as “verdades” estabelecidas. Não ter medo de mostrar as contradições, mesmo das posições ditas progressistas.

Acreditamos que só saindo desse marasmo intelectual, escapando desta enxurrada de chavões panfletários, sintetizando o que sobrar das contradições de todas as propostas que são colocadas aos colegas, só assim poderemos chegar a um consenso que finalmente poderá ser chamado de consenso da maioria.¹⁸

Após a leitura dessa matéria publicada no periódico, é possível perceber o propósito, e o público a quem se destina o jornal. Desde a proposta e os meios como ele enxerga e tem como objetivo passar os ideais anarquistas, mesmo não tendo um grupo editorial, nem um fundo de verba regular. O jornal teve 22 edições durante onze anos, para o período e a situação é um número significativo dentro de todo contexto. Teve como precursores, estudantes e operários, onde começou a ser publicado na Bahia em 1977, e durou até 1988.

Como já exposto os princípios do jornal, são pontos relevantes que estão na “orelha” do livro *O Inimigo do Rei*,¹⁹ de Tony Pacheco um dos participantes do jornal.

¹⁸ Edição do Jornal O Inimigo do Rei. P 02. Título: COMUNICADO Autoria: Sem Autoria

¹⁹ BAQUEIRO, Carlos & NUNES, Eliane. *O Inimigo do Rei*. Imprimindo utopias anarquistas. Rio de Janeiro: Achiamé. 2008

Amigo da Liberdade.

O jornal o Inimigo do Rei é uma experiência revolucionária por todos os ângulos que se a olhe, daí o interesse que desperta:

1-Foi o primeiro veículo auto-gestionário²⁰ da imprensa brasileira. Todas as pessoas que o faziam eram também responsáveis por sua manutenção. Não havia direção: todas as decisões, até mesmo aquelas tipicamente técnicas, como decidir em qual ou tal página entraria tal ou qual matéria, eram tomadas pelo coletivo em votação aberta.

2-Eliminou a diferença de “classes”, que há, normalmente, em todo veículo de imprensa. Os burgueses são donos das opiniões e da linha política. Os jornalistas empregados dos primeiros escrevem sobre o que é permitido. Os gráficos imprimem e os jornaleiros vendem os exemplares. No jornal o Inimigo do Rei, as pessoas que elaboravam os artigos eram quase sempre as mesmas que editavam, faziam a revisão na gráfica e depois saíam vendendo, como jornaleiros, cada exemplar, nas ruas, nas fábricas, nas universidades.

E também, eram as mesmas que saíam correndo da polícia na época da repressão, como acontece em Feira com um dos números do jornal.

3-Não havia censura alguma. ²¹ Nem o mais liberal dos jornais socialistas conseguiu isso. Todos os assuntos eram permitidos;

4-Por fim, *O Inimigo do Rei* deu um fim à centralização dos jornais de esquerda no eixo Rio- São Paulo, possibilitando a Bahia sediar uma mídia socialista²² que teve repercussão nacional.

3.1 ESTUDOS DE CASO

Ao analisar reportagens do jornal *O Inimigo do Rei*, além da interligação de todas as idéias observadas até o momento, irei tornar possível a visualização de todos os aspectos discorridos até o momento. Desde a percepção do que é a mídia alternativa exposta no capítulo um, passando pelo tópico sobre anarquismo o qual esclarece alguns conceitos e idéias no capítulo dois, culminando no terceiro capítulo no objeto-tema, o jornal *O Inimigo do Rei*.

Adiante serão analisadas quatro reportagens de variados autores e temas, onde ao final de cada uma será feita uma análise sucinta sobre as

²⁰ Sistema onde as decisões são tomadas em comum acordo e em coletivo.

²¹ Dentro do sistema do jornal, não podemos esquecer que nesse período o Brasil estava no chamado “fim” do período ditatorial. Em 1977 e 1978 com Geisel, de 1979 a 1984 com Figueiredo, após isso, era o começo de uma democracia incipiente.

²² A mídia alternativa anarquista esta inserida dentro da concepção de mídia socialista.

idéias contidas e a importância dessas reportagens na mídia nanica²³, algumas nos remetendo a tempos recentes da nossa história, como será possível observar adiante. A escolha das matérias se deu diante a temas que mostraram relevantes e discutidos no ano de 2008.

3.2.1 QUAL É A DE LULA? JOSÉ LIBERATTI

Produzido por Liberatti, que segundo Carlos Baqueiro, foi um propagador do jornal e que colaborava em quase todas as edições, seja com reportagens ou de maneira financeira. José Liberatti foi procurado para acrescentar a pesquisa, porem não foi possível o encontro com o mesmo.

A reportagem a seguir transcrita está no jornal de edição numero três, na página nove.

Todos conhecem, pelo menos de nome, Luiz Inácio da Silva, “O Lula”, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. É um operário inteligente. De olhar vivo e que provocou certa perplexidade nos meios sindicais e governamentais ao adotar certas posições de inspiração nitidamente anarco-sindicalista com referencia aos problemas dos trabalhadores brasileiros, ainda que, talvez, nunca tenha lido algo sobre o assunto.

Por outro lado, apresenta uma clareza de linguagem e exposição que torna os problemas obviamente claros como quando se refere a uma pergunta feita pela revista Isto É (1/2/1978) sobre a melhora da consciência de classe no setor metalúrgico:

“Existe, na categoria dos metalúrgicos, um pessoal preparado, que lê jornais e sabe das coisas. Mas a maioria dos trabalhadores não tem tempo de dar a benção para seus filhos. E há um negócio aí que só quem esta por dentro percebe. Um trabalhador que está no Nordeste, ou mesmo no interior de São Paulo, trabalhando em uma fabriqueta de fundo de quintal, e entra numa Volkswagen, numa Ford, numa Mercedes, vai ganhar no início 10,11 cruzeiros por hora, 200 por cento mais do que ganhava, e então acha que está no céu.

Ele tem assistência médica lá na empresa e tem banco para pagar a continha da luz dele e um serviço social para emprestar dinheiro para ele. E recebe um livreto lá na empresa que diz que ele trabalha no lugar maravilhoso, e toma um copo de leite de graça dependendo da função que tiver, e um par de sapatos para trabalhar, e um macacão novinho. Então ele pensa: “Os caras do sindicato são uma besta, eu estava na pior até outro dia e ninguém falava em lutar, agora estou aqui numa boa e os caras querem que eu lute e perca meu emprego”. Entendeu como a coisa funciona? Quando ele começa a perceber

²³ A mídia alternativa também pode ser chamada de nanica.

que na verdade está sendo explorado, passou um ano e meio, dois anos, um pouquinho mais, e a empresa o manda embora e pega outro, tão ingênuo quanto ele era quando chegou. Em São Bernardo e Diadema há empresas que apresentam rotatividade de até 4 mil trabalhadores por ano. Quando esse pessoal sai da fábrica está ganhando, em termos de hoje, 15,18 cruzeiros por hora. Aí, ele vai arrumar um emprego de 8, por aí. Tem de recomeçar. Quer dizer, o reajuste de salário não tem a menor validade, é roído pela rotatividade. E esse operário tem condições de brigar? E por isso que estamos pensando na criação de um fundo de desemprego. Alguns sindicalistas acham que deve ser criado pelo Governo e sustentado pelas empresas, mas eu acho que, enquanto não tivermos o poder de exigir isso, temos de criá-lo com os nossos recursos”.

O “O Lula” nasceu em Garanhuns, Pernambuco, veio para São Paulo em 1959. Estudou o ginásio que não completou, fez o curso do SENAI e se empregou como torneiro mecânico até atingir a posição de mestre júnior na Villares S.A.

Na entrevista de Isto É (1/2/1978), perguntado se via alguma possibilidade de aliança com certos segmentos da Nação, tais como Igreja, estudantes, intelectuais, assim respondeu:

“Para mim, a Igreja está fazendo o papel de quem está com remorso. Eu era coroinha, segurava batina, fiz primeira comunhão e um monte de coisas, e cansei de ver o padre pedir para a gente não brigar, pois quem sofre hoje alcança o reino dos céus amanhã. A Igreja também contribuiu, e muito, para a situação em que vive hoje a classe trabalhadora. Agora uma parte da Igreja quer se redimir aos olhos daqueles que prejudicou. Eu tenho lido algumas matérias da Pastoral Operária e não gostei, porque estão colocando o operário num nível baixo, ele aparece ali como um Zé Ninguém e eles como os bons. O que a Igreja não pode fazer é criar movimentos paralelos ao sindical. Ajuda se fizer um bom trabalho de conscientização do trabalhador para que ele atue dentro do sindicato. Eu acho que freqüentemente a Igreja se coloca na mesma posição dos radicais de 1968, mas o trabalhador não está preparado para radicalismos.

Quanto aos intelectuais, acho que tem muita gente aí escrevendo sobre o que não entende. Quanto aos estudantes... Olha, eu vinha de minha casa outro dia e tinha uns estudantes andando de carrão pelas ruas e atirando folhetos a favor dos trabalhadores oprimidos. Eu não posso admitir que um cara daqueles esteja preocupado com a condição dos trabalhadores. Eu acho que eles serão os patrões de amanhã. Um dia vieram me convidar para fazer palestra na faculdade deles e eu disse que só iria se me permitissem levar um operário de mãos estouradas, macacão sujo de graxa e marmitta. A marmitta que a mulher preparou na véspera de ano - almoço do dia seguinte - até a gema estava branca. Eu disse isso e o moço saiu berrando que eu era muito radical. Se eu fosse universitário me preocuparia com o mercado de trabalho que teria que enfrentar na hora de sair da faculdade...”

Em entrevista concedida ao jornal Em Tempo 3 de julho de 78, ao ser inquirido sobre organização de operários e suas Comissões expressa com toda nitidez uma posição anarco-sindicalista em relação à tutela das direções dos sindicatos e às Comissões.

“Olha, existe um conceito assim sobre as Comissões, sabe. Eu não sou contra as Comissões, acho que elas devem existir. Mas veja: no sindicato a gente procura fazer toda a classe trabalhadora ser uma Comissão única”. Porque “a partir do momento que você cria grupos de Comissões você terá colocado na prática grupos de trabalhadores a mercê dos nossos empresários para serem dispensados na hora que bem convier aos donos das empresas. Eu acredito que todo dirigente de sindicato tem consciência de quantos bons agente perde

por exigir que os nossos companheiros tenham uma atuação sindical dentro das empresas. Eu acho que problema não é responsabilizar um ou mais grupos de trabalhadores, o problema é responsabilizar toda a classe trabalhadora pelas conquistas dela. Eu acho que a partir do momento em que eu formar uma comissão de 5 trabalhadores pra agir dentro de uma determinada empresa, estarei colocando 5 companheiros com a corda no pescoço, em relação a perder seu emprego. Então, o que a gente tem feito e o que a gente discute hoje com outros dirigentes sindicais é o seguinte: nenhum diretor de sindicato deve assumir a responsabilidade de tutelar a classe trabalhadora. À classe trabalhadora deve ser dada a liberdade de agir e pensar. Cabe ao sindicato coordenar esse pensamento e a ação da classe trabalhadora”.

Inácio da Silva começou muito cedo a se interessar pelos problemas sindicais em 1972 foi chamado para ser administrador do Sindicato dos metalúrgicos, posteriormente, em 1975 assumiu o lugar de presidente. No programa de televisão Vox Populi de 12/5/1978, perguntado sobre qual a saída que via para um sindicato se tornar forte através de suas bases, respondeu:

“Uma das principais formas de libertação da classe trabalhadora é o trabalho de conscientização junto às bases, de tal maneira que o trabalhador tenha conhecimento dos seus direitos. O movimento sindical será independente quando houver consciência, quando o trabalhador participar do seu sindicato”. Dentro da atual estrutura sindical, “a CGT seria a criação de mais um cabide de empregos para dirigentes sindicais de cúpula.

Entretanto estou certo de que o desatrelamento (dos sindicatos do governo) se dará quando a classe trabalhadora estiver preparada, inclusive, para tirar os dirigentes sindicais que não desejarem como tal”.

Perguntado se o antigo PTB não teria a certa altura servido ao interesse dos trabalhadores (Isto É de 1/2/1978) assim manifestou-se: “A estrutura sindical foi criada dentro de um regime de exceção: o de Getúlio. Mas nos poucos momentos em que o País vive uma democracia formal, ninguém mexeu nessa estrutura. Eu ouço dizer que durante os governos JK, Jânio Quadros e João Goulart houve democracia, mas a situação da classe trabalhadora não mudou naquele período. Seu Franco Montoro foi Ministro do Trabalho, seu Tancredo Neves foi Ministro do Trabalho, e hoje estão aí dizendo que as coisas deveriam mudar, mas não as mudaram quando tiveram a chance de mudá-las. E por que?” Porque para “esse pessoal não interessa que o movimento sindical se organize. Quero dizer, nem PTB, nem PSD, nem PS, nem PCB, nem muito menos o Arena e MDB deram passos concretos para mudar alguma coisa”.

Inquirido sobre a ideologia que professa, respondeu:

“Eu digo de peito aberto que não tenho compromisso com ninguém e que o Sindicato de São Bernardo e Diadema é uma das poças coisas independentes que existe na terra. Só tenho compromisso com os trabalhadores que me elegerem. No mais, a gente é chamado de dedo-duro pela oposição, de comunista pelo governo e de subversivo pelos patrões. É uma condição muito boa, porque a gente pode mandar pau em todo mundo e ninguém pode falar “vou pegar o Lula porque ele assina a Voz Operária”. Nunca assinei a Voz Operária, mas já li: era um jornal que não dizia nada parra mim, jornal para intelectual e não para conscientizar o povão.”.

O sociólogo Leôncio Martins Rodrigues, em recentes declarações ao Jornal do Brasil (13/8/78) identifica as posições do “Lula”: rejeição ao paternalismo, apoliticismo, desconfiança quanto as soluções de Partido e políticos, descentralização do movimento operário, resolução dos problemas operários pelos próprios operários, luta

contra a estrutura fascista do sindicalismo brasileiro, autonomia, liberdade sindical, abolição do imposto sindical etc. como posição de matiz anarco-sindicalista.

Na realidade não sabemos o que pensa o Lula e que caminhos tomará no futuro face aos problemas da classe operária e dos sindicatos estatais, entretanto ficam aqui registrados seus pensamentos para uma eventual confrontação.

É possível visualizar após a leitura dessa reportagem publicada em 1979, como Lula pensava a situação dos trabalhadores, sindicatos e sobre política.

No início do texto, o autor José Liberatti, diz que Lula em algumas ocasiões deixa transpassar ideais anarco-sindicalistas²⁴. Sua maneira de agir e se portar também são evidentemente diferentes dos dias atuais, claro que devido a todos os processos que o país e ele próprio passaram. Foi através do movimento operário que Luis Inácio obteve alavanca para seus ideais políticos e para sua consolidação como um ícone de luta operário, e nos dias atuais presidente do Brasil.

Sobre sua resposta à revista *Isto é* (1/12/1978), observa-se claramente, o espírito anarco-sindicalista, idéias claras e de fácil entendimento para o operariado, até certo ar ríspido de lutador e ativista. Outro fato observado é a consciência de que o sistema trabalhista precisa ser mudado, e a forma de mudança será (principalmente) pelos sindicatos. Sindicatos esse que ele ajuda a organizar e administrar.

A reportagem traz uma pequena biografia, onde conta sucintamente a vida de Lula até o período, na qual o leitor pode se aproximar mais do contexto de sua vida.

As respostas de Lula demonstram um indivíduo preocupado, engajado nos direitos dos trabalhadores. E até rebelde com a situação que vive, como se

²⁴ Ver explicação sobre anarco-sindicalismo no capítulo 2

pode ver na parte onde ele comenta sobre o convite para palestrar em uma faculdade, no qual ele responde de forma agressiva e pesada, esse modo de responder muitas vezes são atribuídos a anarquistas (em certas vezes pejorativamente), mas essa atitude agressiva de querer chocar é um meio de querer “acordar” a população do modo de como vivem, de conscientização da classe operária.

Finalizando, verifica-se a análise de Leôncio Martins Rodrigues²⁵, sociólogo, sobre Lula que traz à memória seus ideais anarco-sindicalistas observados a cerca de trinta anos atrás, e como no fim da própria matéria tem se a frase, “... entretanto ficam aqui registrados seus pensamentos para uma eventual confrontação.” No trabalho elaborado não cabe avaliar e confrontar a postura de Lula, porém ela se torna válida para o nosso presente, e mais do que isso para pessoas que não conhecem o passado de Luis Inácio da Silva²⁶, a reportagem pode mostrar algo que nos dias atuais não está tão explícito, e nos levar a percepções diferentes das divulgadas na mídia popular.

3.2.2 PRESÍDIOS: ONDE SE FORMA O DOUTOR EM MARGINALIDADE.

Segunda reportagem analisada está na página sete, sexta edição do jornal, a autoria do texto é desconhecida, pois como foi averiguado foi uma carta enviada ao editorial do jornal sem remetente.

²⁵ Leôncio Martins Rodrigues foi professor titular do Departamento de Ciência Política da USP e do Departamento de Ciência Política da Unicamp.

²⁶ O termo “Lula” ainda não era usado conjuntamente ao seu nome do mesmo modo dos dias atuais, e de maneira a promover, na época tinha um aspecto pejorativo muitas vezes.

– Meu Deus, o que é isto? – pergunta de um deputado autêntico que deixou de ser materialista quando visitou a Penitenciária Lemos de Brito, em Salvador.

Considerando o Homem como mero parafuso de uma vasta engrenagem, o capitalismo sempre necessitou (mesmo na sua era de computação e “racionalização”) de um exército de reserva de mão-de-obra para substituir os braços cansados. Com isto, de certa forma, termina por cavar a sua própria sepultura: o exército de reserva, incapaz de promover o autocontrole demográfico proposto pelo Sistema, terminou por crescer demais, dando um excedente do excedente, qual seja a marginalização.

Forma-se, assim, um mundo paralelo, com seus valores, suas “instituições” próprias: o sistema penal. Quem não for capaz de bem comportar-se à espera de um salário miserável vai para a cadeia. E ninguém dirá nada, porque os falsos contestadores só estão preocupados com seus amigos... de classe.

Neste mundo “paralelo” surge um verdadeiro estado dentro do estado. O sistema penal é um sistema educacional do que sobrou da mão-de-obra excedente. O marginal deverá continuar marginal. POR TODA A VIDA, IRRECUPERÁVEL, ANTES DE TUDO, mas deverá ascender dentro deste sistema. Um Atalla, um Abdalla, um Sérgio Paranhos Fleury escapa. Mas, “Antônio Bispo dos Santos”, analfabeto de nascença continuará analfabeto de morte, se não passar no vestibular das prisões, onde se faz o doutorado em marginalidade. É, além disto, um precioso argumento para se apresentar, aos que estão do lado de fora da cerca de arame farpado eletrificado: uns são os bons, os outros os maus. Uma lógica cristã, onde o purgatório só existe para os que, geneticamente, — não há outro caminho — se mostram em condições de participar do banquete dos grandes bandidos. Aqueles que estão em Brasília, Santiago do Chile, Washington ou Moscou.

Pouco interessa se nos falam de prisão com grades, choques elétricos ou “chá de meia-noite” (assassinato por acidente). O que interessa é a abertura das prisões. Quando o bando de Lampião — Virgulino Ferreira — atacava uma cidade nordestina na década de 30, tanto os passarinhos das gaiolas, nas portas das carceragens eram libertados, quanto os seres humanos atrás das grades. Mas, um guerreiro — mesmo que rotulado de inconsciente, não nasce todos os dias.

Afinal, quando o condenado chega no presídio já fez um longo vestibular. Sua sina começa na rua, quando é preso, continua na delegacia, onde brutalmente torturado (como qualquer preso político, amiguinhas esquerdinhas!!!) e depois submetido ao dourado. Poderá ser aprovado para duas alternativas de vida: ou se torna um malandro de fé, capaz de liderar e formar os grupos (que o ex-secretário de Segurança de São Paulo, Erasmo Dias, prevê pela TV, como um futuro cordão de periculosidade a ameaçar a periferia das grandes cidades, num intróito de guerra civil) ou se torna um marginal com anel no dedão, disposto a disputar, até mesmo um concurso público com provas e títulos, o cargo de um diretor, por exemplo, da Censura Federal. Não estamos no campo ficção, lembre-se de Rogério Nunes, aquele que assinava os certificados do Ministério da Justiça que apareciam em todas as telas de qualquer “poeira” destes brasis? Pois é, marginal tem duas faces. Quem diz qual é a do Bem e a do Mal é o sistema. Mas o futuro poderá inverter, temos certeza, as regras deste jogo sujo.

No início da matéria é possível observar a reação de um deputado, ao se deparar com a realidade “crua” do sistema carcerário do Brasil. Esse espanto demonstra o quanto da mídia que nos chega realmente é verdadeiro e o quanto as coisas podem ser “maquiadas”.

No decorrer da matéria podem-se notar críticas ao sistema capitalista, ao modo de vida burguês e, claro, ao sistema penitenciário, todos esses pontos combatidos veemente pelos anarquistas.

Nesse sentido seria interessante citar a obra de Foucault na qual analisa o sistema presidiário, *Vigiar e punir*. Porém não cabe na análise de casos, nesse momento se aprofundar tanto, somente para sustentar a idéia de que existem estudos sobre esse assunto, o qual se tornou referência, inclusive no meio anarquista, utilizado e referenciado sempre.

Fato que o sistema presidiário leva o preso a se tornar cada vez mais marginalizado, o tempo ocioso dificilmente é ocupado por programas sociais ou educacionais, que visem não somente restabelecer a vida dele após a saída da prisão de maneira mais branda, mas de ocupar esse tempo que ele estará em cárcere para algo útil.

Dentro do presídio, o “recém” chegado se depara com um sistema de poder paralelo, onde é muito difícil ao presidiário não entrar no “esquema. Antes de entrar já se sofre com o sistema capitalista que exige cada vez mais de nós, consumismo e individualismo, tornando cada vez mais o numero de pessoas deixadas à margem da sociedade, margem essa que dá espaço para vícios em geral, roubo, violência entre muitos outros pontos.

No período de publicação do jornal o *Inimigo do Rei*, abordar esse tema e de maneira aberta, era chocante, nos dias atuais também o é, porém esta se

tornando cada vez mais banalizado, a situação do presidiário no país, claro que um presidiário tem que cumprir sua pena, pagar pelo crime cometido, mas será que o sistema carcerário como está ameniza ou serve como mais um estopim para o “doutorando” em marginalidade?

O que leva alguém a praticar um ato criminoso, fome, miséria, vontade de consumir e não ter, ganância, desespero, indignação com a diferença de classes sociais, diversão? A matéria chama a atenção para isso, será que o capitalismo pregando o consumismo não é um dos mais fortes aspectos para alimentar essa marginalidade. Será que alguém que rouba para comer é tão mal quanto um prefeito que desvia dinheiro da prefeitura? Existe diferença entre eles?

3.2.3 NEM PRETO, NEM BICHA: MACONHEIRO. Káthia Regina Borges

Káthia Regina Borges é a autora do texto polêmico da sétima edição do folhetim, situado na página três do mesmo. A reportagem é inovadora e trata o assunto abertamente. Nesse caso Káthia foi encontrada, porem não respondeu a nenhum dos pedidos de informações. Infelizmente não podendo aprofundar a matéria.

Ainda se pode ler nos jornais da grande imprensa (principalmente) com uma pequena baixa de frequência, manchetes do tipo: “ASSASSINO É PRESO PORTANDO MACONHA”; “DROGADO, ESTUPRA GAROTA DE 13 ANOS” ou coisa que o valha. Ficando bem claro que maconheiro é sinônimo de ladrão, assassino, enfim, MARGINAL mesmo! Logo, tem de ser combatido policialescamente e

discriminado socialmente. Incluindo-se, neste último caso, as minorias reprimidas existentes. Muito se tem dito, diagnosticado e até mesmo psicanalisado do indivíduo que toma droga (aqui, no caso, referindo-se exclusivamente ao maconheiro). Para aquelas pessoas que corriqueiramente só lêem os jornais diários, sem base nem conhecimentos a respeito da droga, costumam conceituar o indivíduo que a usa da mesma forma antes mencionada, ou seja, MARGINAL mesmo! E quem assim não os enquadraria? Até eu! Já para aquelas pessoas que são dotadas de maiores conhecimentos, conhecimentos estes que, via de regra, são puramente médicos-científicos, costumam diagnosticar o maconheiro da mesma forma que diagnosticaria um diabético ou um cardíaco, sem levar em conta fatores outros do tipo psíquico-sócio-cultural ou em muitos casos relegando-os ao segundo plano, pois estão preocupados (em sua maioria) exclusivamente com o quadro clínico do paciente. E, por último, os psicólogos, psiquiatras e todos os “PSIS” existentes, que vêem no drogado (maconheiro) uma maneira irreal de solucionar problemas ou ter para si um mundo modelado de acordo com os seus ideais, isto é, alienação, incapacidade de atuar dentro da realidade. Isso sem querer mencionar aqui a visão freudiana de frustrações (por exemplo) que estão instaladas na infância e teriam como causa a procura de uma maneira menos dura para enfrentar o presente, na qual se baseiam muitos psicólogos para a explicação da droga, principalmente por parte dos adolescentes.

Em síntese, tem-se o drogado como um indivíduo que, desviando-se dos padrões de moral, conduta, normalidade etc., da sociedade, não é ou não está apto para exercer qualquer atividade com a mesma potencialidade e direito que outro indivíduo “normal” (o famoso CARETA).

Pergunto eu, a esses entendidos (o termo aqui está sendo empregado como sinônimo de conhecedor em determinado assunto e não como costuma ser usado pela outra minoria – os homossexuais), onde enquadrar aqueles maconheiros que possuem uma atividade político-sócio-cultural normal, dentro do ponto de vista de normalidade social, ou seja, enfrentam filas de ônibus, engarrafamentos, crises econômicas e política, enfim, estudam, trabalham, trepam, etc., como um “careta” qualquer? Serão estas pessoas marginais, doentes ou alienados? Se realmente o são, então toda sociedade também o é.

Como na matéria anterior, a análise cabe novamente a proporção do sistema na “culpa” de transformar pessoas em viciados, claro que não é o único motivo porem é um forte motivo que leva a pessoa à marginalização.

Essa análise não faz apologia a drogas, coube verificar o conteúdo da matéria no período e a generalização que sofre o usuário de drogas (maconha), como também no caso anterior.

Já de principio nota-se a multiplicação na grande imprensa da idéia de que drogado é marginal (e marginal tem que ir para a cadeia, remetendo-se

novamente ao caso anterior). Esse conceito enraizado permanece na sociedade até os dias de hoje.

Como se somente quem usa droga (maconha) que pratica atos ilegais e “bárbaros”. Sendo que a própria reportagem diz: *“Serão estas pessoas marginais, doentes ou alienados? Se realmente o são, então toda sociedade também o é.”*

Tratar do tema usuários de drogas, no caso da matéria lembrando que a comentada é a maconha, de forma aberta é um tabu até hoje, a grande imprensa trataria de forma psicológica, médica, dando respostas baseadas em laudos médicos para tal “anomalia” social, ou até diriam que uma das causas é a da destruição da família paterna, etc, tudo que estamos acostumados a ler e ver na mídia. A reportagem não traz solução nem mesmo o porquê de alguém ser usuário, mas por abordar esse tema e dizer que alguém que fuma maconha também é um ser social, com deveres e direitos, que tem seus compromissos assim como a sociedade tida como saudável. Abordar dessa forma nos anos 70 era com certeza uma atitude diferente da mídia popular e de querer abrir os olhos da sociedade para outra visão do assunto. Toda sociedade está a mercê do capitalismo, assim como do vício, da marginalidade, nenhum de nós está a salvo. Como finalização o título “Nem preto, nem bicha: Maconheiro.”, traz conceitos preconceituosos, mas utilizados no título como forma de protesto e alerta.

3.2.4. VOTO NULO – A LUTA LIBERTÁRIA. CARLOS (ÓRGÃO ASNO - CURITIBA)

O Órgão Asno de Curitiba, enviava muitos textos, dentre eles o abaixo foi escolhido pelo conteúdo estar relacionado com o ambiente vivido no ano de 2008 sobre as eleições. O grupo se reunia e discutia sobre diversos assuntos, e em algumas vezes como já descrito enviava suas idéias a vários fanzines para a propagação das idéias anarquistas. A reportagem se encontra na edição vinte e um, página dez.

No decorrer da história, as classes hegemônicas, através de aparatos ideológicos, sempre souberam disfarçar ao máximo sua dominação. Em um governo monárquico, a população subjugava-se ao rei (e através dele, à nobreza em geral), por ele representar a vontade de Deus na Terra, este revestimento teocrático justificava quaisquer atitudes tomadas pelo monarca, por mais arbitrarias e irracionais que podiam ser, visto que era a “mão de deus” que estava por trás destas; e quem na época ousaria discutir uma atitude por ele tomada? Com a ascensão burguesa, a vontade divina sai de cena para dar lugar a uma “maravilhosa” e “racional” forma de governo: a democrática. Esta democracia que pressupõe “verdadeira participação popular”, não passa de um grande engodo com a finalidade de restringir ao máximo o poder à parcela da população economicamente privilegiada, sem que a grande parte da população desfavorecida perceba esta farsa. Senão, vejamos: a “benevolente” democracia, para estender ao povo sua suposta participação política, utiliza-se da eleição. Esta eleição tem como função, através do voto, indicar os “reais” representantes do povo, para ocuparem os cargos administrativos (presidência da República, governo do Estado, prefeitura etc.) ou funções legislativas (deputados, senadores etc.) e que investidos como tais devem ter as aspirações populares (pois o povo os elegeu) como meta principal de suas ações, sejam estas de caráter administrativo ou legislativo. Dentro desta visão simplista, a soberania popular manifestada através do voto demonstra-se de forma coerente e eficaz. Como foi mencionada, a soberania popular não passa de simplista, pois se analisada um pouco mais fundo, veremos que é uma farsa revestida de lógica.

Os representantes a que se confere a totalidade dos poderes políticos não representam a realidade, ninguém a não ser a eles próprios. A maioria da população que delega estes poderes não tem o mínimo vínculo com as pessoas as quais elegeram. Sua decisão com respeito aos candidatos aos quais deve confiar seu mandato político ocorre, na maioria das vezes, através da propaganda eleitoral, tendo por base seus programas, seus currículos, ou mesmo suas aparências. Quando não por propaganda, a decisão dos eleitores é comprada com pequenos favores concedidos pelos candidatos mais poderosos. Vê-se bem que uma campanha eleitoral necessita de um

suporte econômico dos mais rígidos e sendo assim alguém que não tenha condições financeiras, mesmo que bem intencionado, tem que ceder seus lugares a alguém que possa manter a campanha, mesmo que seja um imbecil.

Depois de eleito o “representante popular” por ser vinculado a um partido, nunca deixaria desvirtuar-se das diretrizes impostas por este, mesmo que seja em detrimento daqueles pobres ingênuos que lhe confiaram o mandato. Podemos dizer que a representação popular depois da eleição não passa simplesmente de uma representação partidária, onde a vontade do partido é sempre incontestável para seus filiados eleitos.

POR QUE NÃO AS ESQUERDAS?

Alguém pouco menos ingênuo pode achar que a solução está na união das esquerdas, a fim de concentrarem seus esforços e levar um partido como o PT, ou coisa que o valha, ao poder, chegando à famosa reforma social via parlamento, tão pretendida pelas esquerdas tradicionais, para colimar com o fim supremo do Comunismo de Estado. Ninguém pode se iludir com tal promessa, pois a ditadura do proletariado não passará de pretexto para a verdadeira ditadura dos intelectuais, que, por terem acesso a um saber mais científico, julgam-se no direito de autoritariamente representar as aspirações do proletariado, que supostamente seria o ditador.

PELO FIM DAS REPRESENTAÇÕES INDIRETAS

Estas razões nos levam a crer que jamais devemos ficar delegando poderes a pessoas que nunca vão sequer aproximar-se das nossas aspirações. A auto-representação deve ser encarada como o único caminho para sermos seres livres em potencial, onde ninguém dite regras a ninguém, e a dominação, seja ela religiosa econômica ou intelectual, desapareça para dar lugar à verdadeira igualdade. A “vontade divina” do monarca, a “soberania popular” da burguesia ou mesmo a “ditadura proletária” dos intelectuais são formas de governo em que a opressão é mascarada e justificada.

Nós, anarquistas ou libertários, por uma coerência de ideal, devemos aproveitar as próximas eleições para encabeçarmos uma campanha a nível nacional do voto nulo. Através dos coletivos de cada cidade ou mesmo individualmente, propagar nossos ideais aproveitando o descontentamento popular evidenciado de forma efusiva nas últimas eleições. Sabemos que a postura mais condizente com a nossa proposta seria a abstenção ao voto, mas como somos obrigados arbitrariamente a praticar este ato inútil, o voto nulo, se consciente, pode ter o mesmo efeito. Estes podem ser os primeiros passos para chegarmos a uma sociedade autogestionária, em que cada um represente a si mesmo.

Voto nulo. Sabemos que anarquistas são totalmente contra o estado, portanto difundem a idéia de que já que são obrigados a votar, o fazem como protesto, protesto esse efetuado pelo voto nulo, registrando que nenhum dos candidatos é seu representante.

A reportagem também mostra a transição da vontade divina tida como monarquia para a democracia onde “todos” exercem seu poder, porém que poder obrigatório é esse? Será que o voto demonstra o poder do cidadão, até onde o voto realmente é válido, dentro do meio de vida que estamos inseridos.

A reportagem é um meio de veicular a idéia anarquista de que o voto não é um meio democrático para exercer a cidadania, que a melhor maneira seria a extinção do poder, já que não é possível isso por enquanto, os anarquistas divulgam o voto nulo, onde é tido como protesto e alerta para a sociedade, que existem pessoas contrárias a esse sistema e que divulgam suas idéias.

Finalizando a matéria se coloca a escolha pela esquerda, se ela poderia atuar diferentemente da direita, mas como já descrito o ser humano para o anarquismo não pode sofrer nenhuma forma de poder e hierarquia, mesmo que de esquerda.

CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou identificar e interpretar a mídia alternativa anarquista presente no jornal *O Inimigo do Rei*. As razões de elas estarem inseridas no contexto de mídia alternativa, diferenciando-se da mídia popular. Em resposta a essas problematizações propostas, obtivemos como resposta a análise de quatro reportagens que mostram a existência, resistência e cunho anarquista. A escolha das reportagens foi feita por temas tidos interessantes, inovadores e que demonstraram ao final da análise a presença de idéias anarquistas.

Inicialmente, a idéia era realizar entrevistas com todos os envolvidos nas reportagens. Entretanto, devido à dificuldade de se conversar com os mesmos, de localizá-los, as conversas com Carlos Baqueiro, os vídeos encontrados no site <www.youtube.com.br> serviram de alicerce para a construção da análise de estudo.

A linha de raciocínio estabelecida partiu da mídia geral, partindo para o foco do trabalho que é a mídia alternativa, melhor explicando, inicialmente foi apresentado um panorama abrangente da mídia em si, para a alternativa, para a compreensão do anarquismo, e posteriormente análise mais detalhada das reportagens do jornal *O Inimigo do Rei*, que é o objeto de estudo desta monografia.

Durante a elaboração do primeiro capítulo percebeu-se, em primeiro lugar, que haveria dificuldades para encontrar fontes, quando partiu-se para a procura em sites de busca, os quais foram de suma importância, para a construção do trabalho. Além disso, foi de um aprendizado enorme a

importância de salvar os documentos encontrados na web, pois os mesmos podem ser deletados a qualquer momento. Sobre o terceiro capítulo, a análise de casos comprovou a pergunta elaborada no início do trabalho, a maior dificuldade foi o encontro com os autores das reportagens, porém não desvalorizam de forma alguma o conteúdo, pois a compreensão adquirida com a leitura delas e as informações obtidas nos sites, e com Carlos Baqueiro, se mostraram relevantes, e para as questões elaboradas suficientes para a análise.

Finalizando, o trabalho comprova muitas das questões elaboradas, e afloram muitas outras que podem ser elaboradas, respondidas ou não. É um material rico, um tema interessante que pode servir de tema para muitas outras pesquisas, que acrescentem e contrariem a pesquisa aqui elaborada.

O INIMIGO DO REI

O INIMIGO DO REI - ENFIM, UM JORNAL ANTIMONARQUISTA - Nº 1 - ANO I - OUTUBRO DE 1977. Cr\$ 3

COMO PINTAR UM PÁSSARO

Jaques Prevert

Pinte primeiro uma gaiola com a porta aberta. Em seguida pinte alguma coisa graciosa, alguma coisa simples ao pássaro. Depois, alguma coisa útil . . . ao pássaro. Depois, coloque a tela contra uma árvore no jardim, no bosque ou na floresta e esconda-se atrás da árvore sem dizer nada, sem se mexer às vezes o pássaro chega logo, mas pode levar muitos, muitos anos até se resolver. Não desanime, espere se preciso, durante anos. A velocidade ou a lentidão da chegada do pássaro não tem a menor relação com a qualidade da pintura. Quando ele chegar (se chegar) mantenha o mais profundo silêncio, espere que ele entre na gaiola. Depois que entrar, feche levemente a porta com o pincel. Aí então apague uma por uma todas as varetas. (Cuidado para não esbarrar em nenhuma pena do pássaro). Finalmente pinte a árvore, /reservando o mais belo de seus ramos ao pássaro. Pinte também a verde folhagem e a doçura do vento, a poeira do sul, o rumorejo dos bichinhos da relva no calor da estação. Depois, aguarde que o pássaro se decida a cantar. Se ele não cantar, mau sinal: sinal de que o quadro não presta. Mas bom sinal, se ele canta; sinal de que você pode assinar o quadro. Então retire suavemente uma pena do pássaro e escreva seu nome a um canto do quadro. (trad. Carlos Drumond de Andrade)

Intelectuais,
Mistificação
e Poder
(Páginas 6 e 7)

Federação livre
de estudantes
(Página 10)

A democracia
outorgada
(Página 9)

Universidade
(Página 3)

"Há uma ambição que deveria ter todos os escritores: ser testemunho e gritar toda vez que se possa e na medida de nosso talento, por quem se encontra em servidão"

(Albert Camus)

O INIMIGO DO REI

ANO 2, Nº 3. SALVADOR — BAHIA, SETEMBRO — OUTUBRO DE 1978. Cr\$ 10 — O INIMIGO DO REI, ENFIM UM JORNAL ANTIMONARQUISTA.

OS TRABALHADORES.

O V CNTI E A

"PELEGADA".

(Páginas 7, 8, 9)

ELEIÇÕES :

A ATUALIDADE

DO VOTO NULO.

(Página 4)

A IGREJA E A

PROSTITUIÇÃO

NA BAHIA

(Página 3)

**PRIMAVERA DE PRAGA,
DEZ ANOS SEM RESPOSTAS**

(Página 10 e 11)

**PARA O POVO,
CORDEL:**

PARA NÓS,

JOYCE.

(Página 12)

O QUE É

AUTOGESTÃO.

(Páginas 18 e 19)



Carlos Castaneda

O INIMIGO

DO REI

SALVADOR • BAHIA • EDIÇÃO BIMENSAL • Nº 5 • ANO 3 • ABRIL & MAIO DE 1979 — Cr\$ 10,00

ENFIM UM JORNAL ANTIMONARQUISTA.

VIVA A GREVE

PÁGINA 6 e 7

O pacote
da UNE

PÁGINA 9

“FILHO
BICHA
EU
MATO”

PÁGINA 14

AUTOGESTÃO - III
PÁGINAS 17 e 18

TANGERINI



Ubaldo: a noção
de esquerda
perdeu o sentido.

PÁGINA 10



Caetano: direita ou
esquerda, aqui,
é meio ridículo.

PÁGINA 11



Gil: o esquerdão
das mãos sujas.
faz o jogo

PÁGINA 12

O INÍMIGO DO REI

salvador, ba., edição bimensal, n.º 6, ano 3, julho & agosto - 1979, cr\$ 15

entim um jornal antimonarquista

exclusivo O TESTAMENTO POLÍTICO DE SARTRE

...os meus amigos: um dia quis
que eu tanto desprezava
...ajustamente
...a memória do meu amigo de infância
...geral

AUTOGESTÃO-IV

págs. 17 e 18

MARGINALIDADE

pág. 7

capa: carlos a. rodrigues

O INIMIGO DO REI

UM JORNAL ANTIMONARQUISTA

BRASÍLIA - SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - PORTO ALEGRE - RECIFE - SALVADOR - SÃO CARLOS - SÃO PAULO

EXPERIÊNCIA ANARQUISTA NA REVOLUÇÃO RUSSA

AUTOGESTÃO V

teatro oficina põe a boca no trombone

NEM PRETO, NEM BICHA: MACONHEIRO.

PRESO "COMUM"

TAMBÉM QUERO SAIR!

MICHEL FOUCAULT: AS MANHAS DO PODER

anarquia e ordem não são inimigas



O INÍMIGO

PREÇO ESPECIAL
C.R\$ 15,00

ANO 3 — Nº 9 — EDIÇÃO BIMESTRAL — JANEIRO E FEVEREIRO 80
— SALVADOR — RIO — SÃO PAULO E P. ALEGRE.

DO REI

UM JORNAL ANTIMONARQUISTA

PRÁTICA SEXUAL

**ampla,
geral e irrestrita.**

**DENÚNCIA:
ELETROCHOQUES CONTRA
OS HOMOSSEXUAIS**

CONGRESSO ANARCOSINDICALISTA

O INÍMIGO DOREI

ANO 4 - Nº 10 - EDIÇÃO BIMESTRAL
CR\$ 20,00 - MARÇO/ABRIL/80
SALVADOR-RIO-SÃO PAULO
PORTO ALEGRE-B.HORIZONTE

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

...a sua...
...do...
...de...
...e...

A favor do aborto

O MASSACRE DE PEDRA PRETA

HORA DO POVO ESPANCA OPERARIO

CONGRESSO DA MULHER

O INÍMIGO

ANO IV — Nº 12 — CR\$ 90,00 — SET/OUT 1980
SALVADOR — RIO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE

UM JORNAL ANTIAUTORITÁRIO **DOREI**

FIGUEIREDO FATURA COM AS BOMBAS

Z

TRAFICANTE DE COCA
ASSUME O PODER NA BOLÍVIA.

AUTOGESTÃO
NA POLÔNIA(?)

O INÍMIGO

UM JORNAL LIBERTÁRIO

DO REI

ANO V — Nº 14 — Cr\$ 40,00

SALVADOR, RIO, S. PAULO, PORTO ALEGRE, RECIFE, FLORIANÓPOLIS.



CAETANO

ELBA RAMALHO

“METALÚRGICOS”

*“Contra o Pelego:
Chapa 2”*

MÉDICOS RIO

*Greve de Solidariedade
Autonomia na Organização Sindical*

O INÍMIGO

Cr\$ 60,00 — Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
ANO 5 — Nº 15 ENFIM UM JORNAL ANTI-MONARQUISTA **DOREI**

A PLEBE



A PLEBE

A todos que sofrem em todo mundo as misérias do regime capitalista-governamental, e todos que clamam nas prisões por se rebelarem contra as tiranias imperantes em todos os países, nós os saudamos e conclamamos, no dia de hoje, a confiarem no advento da próxima Revolução Social.



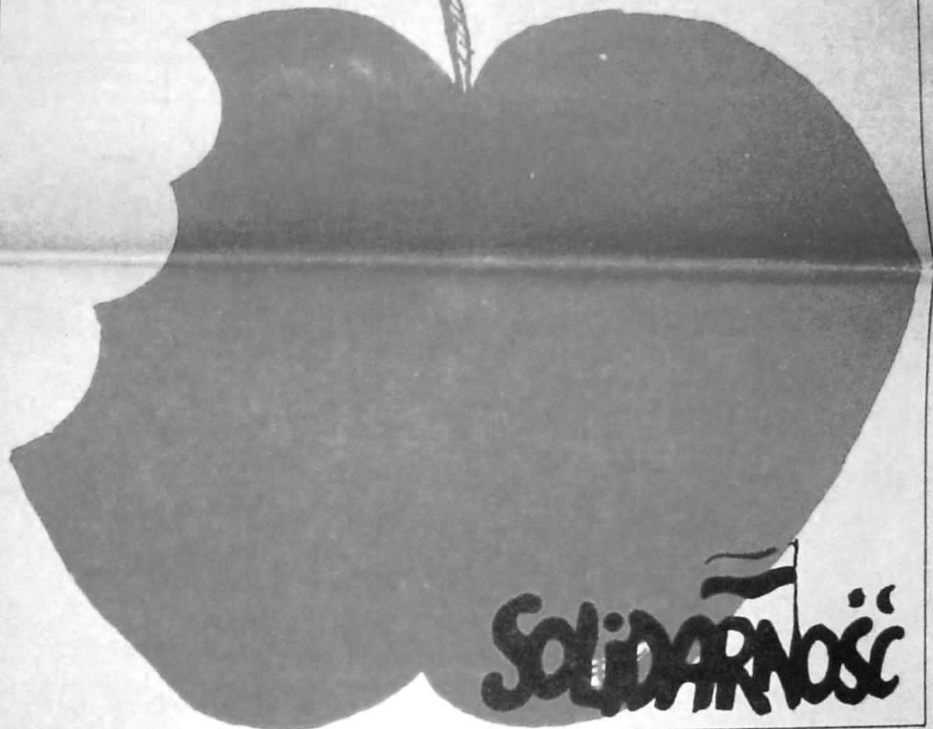
AÇÃO DIRETA

1º de Maio

Não é uma data festiva. É um dia de luta e de protesto e um momento de grande importância para os trabalhadores. É um dia que marca na história como um símbolo sagrado da liberdade e da justiça social.

A LUTA CONTINUA

**POVO POLONÊS MORDEU
A MAÇA DO PECADO
E EXIGE AUTOGESTÃO**



**A ESCOLA DA
SUBMISSÃO**

**A REVOLUÇÃO
RUSSA**

CONTADA POR ARCHINOV

**AUTOGESTÃO A PROPOSTA
ANARQUISTA**

O INÍMIGO

Nº 16 Cr\$ 80,00 Março/Abril/82

DO REI

**JOÃO!
CADÊ A NOSSA GRANA?**

Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco.
ENFIM UM JORNAL AUTOGESTIONÁRIO

**O
URUGUAI
DA
TORTURA**

pg. 6

ISS: PADRES INCENDEIAM CAPELA
pg 5

FIGUEIREDO VESTE O HÁBITO
pg central

XIII AS ELEIÇÕES VEM AÍ
pg central

Edição número 16

O INÍMIGO

Salvador · Bahia · Brasil · Primavera 84 · Nº 18

DOREI

Enfim um jornal Anarquista

CONTAMOS TUDO!

AS RELAÇÕES SECRETAS ENTRE MALUF E ROBERTA CLOSE



Nessas propostas

O INIMIGO

Enfim um jornal anarquista.

Sul/Sudeste: Cz\$ 20. Demais regiões: Cz\$ 15.

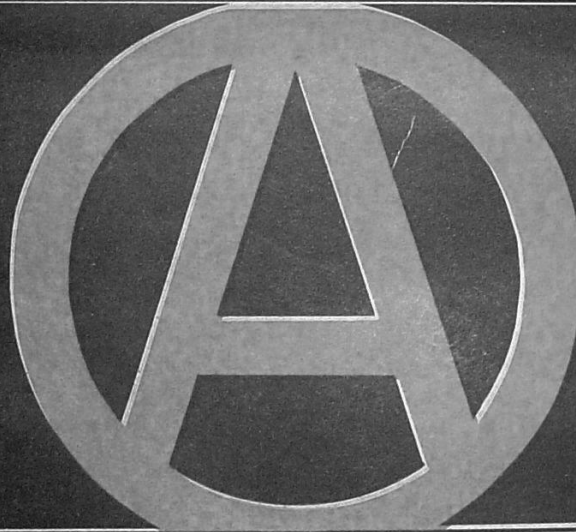
Maio/87. N.º 1

DOREI

SEM FÉ SÃO

Roberto Freire
(Nas págs. 6, 7 e 8)

NÃO HÁ SOLUÇÃO



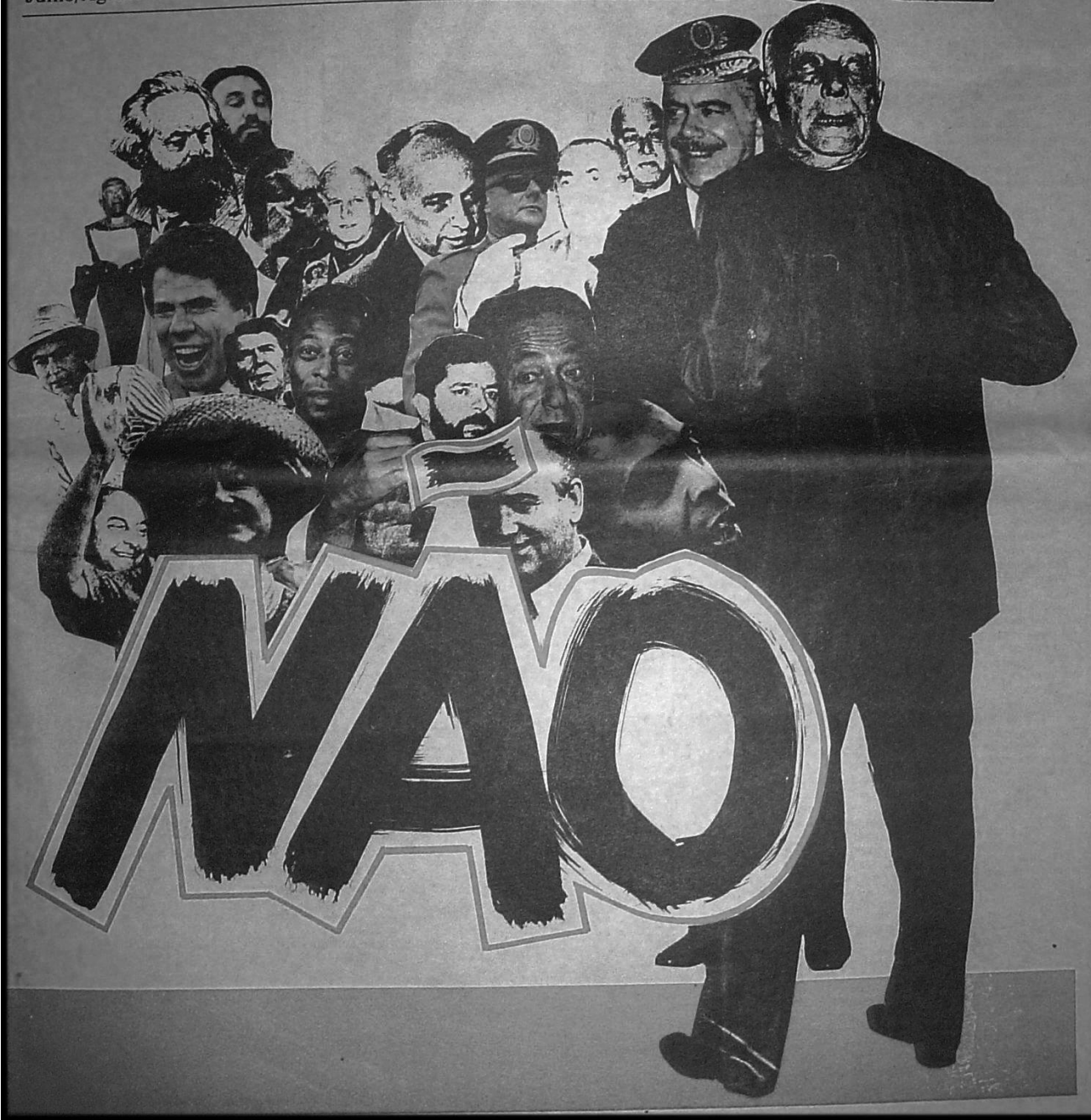
O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

(Págs. 2, 10 e 11)

Edição número 1 * erro de digitação do editor do jornal segundo informação.

O INIMIGO DOREI

Enfim um jornal anarquista
Julho/Agosto de 1987. n.º 20. Cz\$ 20,00.



Edição número 20

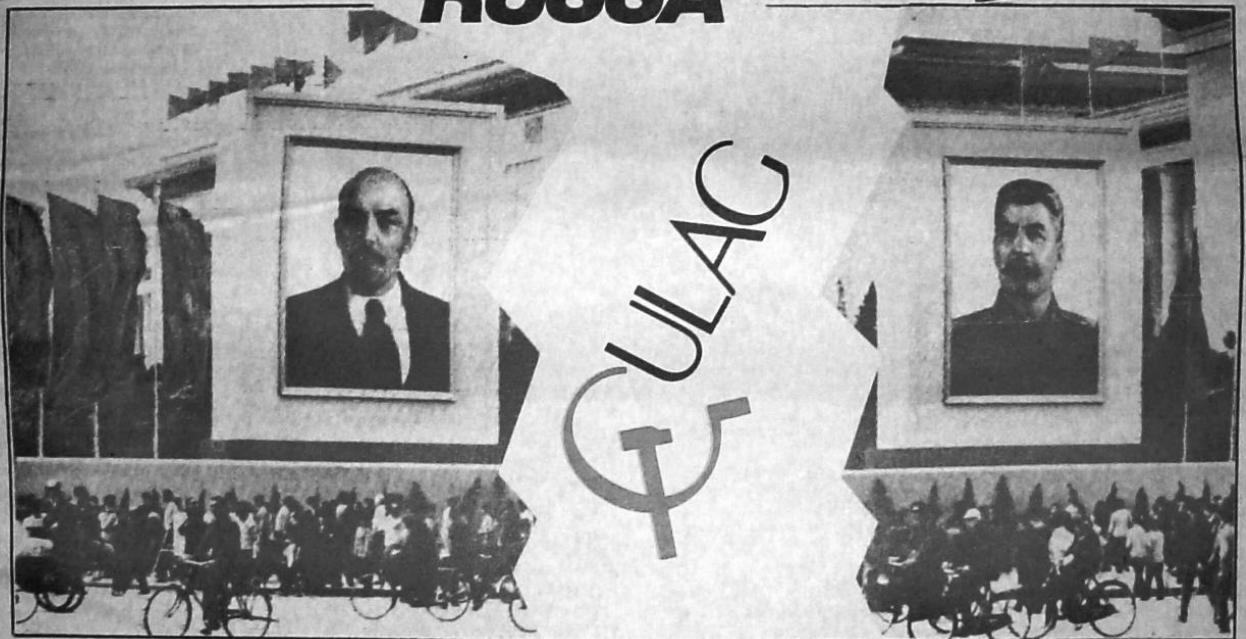
O INÍMIGO

Entim um jornal anarquista
Outubro/Novembro de 1987. N.º 21. Cz\$ 20,00.

DOREI

OS ANARQUISTAS E A REVOLUÇÃO RUSSA

Págs. 3,6e7



**Secundaristas nem tão
revolucionários assim** Pág. 10

**Núcleos pró-COB querem
o pluralismo sindical** Pág. 11

O INÍMIGO

Enfim um jornal anarquista Março/Abril de 1988, nº 22, Cz\$ 50,00

DOREI

VOTE NULO
NÃO SUSTENTE PARASTAS

MAIO DE 88,
O QUE
ESPERAR?

Págs. 6 e 7

A
DITADURA
DE KADAFI

pag. 5

BIBLIOGRAFIA

ABDÓN, Mateos. ***História Memória, Tiempo Presente***. Disponível em <http://hispanianova.rediris.es/general/articulo/004/art004.htm> Acesso em 10 de Nov. 2007

ABRAMO, Cláudio. ***A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro***. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ALTERNATIVA, ***Imprensa: apogeu, queda e novos caminhos***. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. Disponível em http://www.rio.rj.gov.br/secs/cadernos/memoria_13.pdf Acesso em 15 de Dez. 2007.

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. ***Jornal Pessoal: A luta pela liberdade de imprensa na Amazônia***. Disponível em www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/alternativa/c_amorim.rtf Acessado em 8 de Fev., 2008.

ARAÚJO, Antonio. ***A história do tempo presente***. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/pensadoresanarquistas.html> Acesso em 10 de Nov. 2007

AVANSINI, Carolina. **Fanzines Punks: uma análise do panorama em Londrina**. Londrina: TCC, 1994.

BELBIANO, Rui. **Temas e Problemas da história do presente**. Disponível em <http://www1.ci.uc.pt/pessoal/rbebianos/docs/estudos/hrecente.pdf> Acesso em 11 de Nov. 2007.

BAQUEIRO, Carlos. NUNES, Eliane. **O Inimigo do Rei. Imprimindo utopias anarquistas**. Rio de Janeiro: achiamé. 2008

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

BARRETO, Gustavo. **A importância da imprensa alternativa**. Disponível em <http://www.consciencia.net/2004/mes/06/barreto-alternativa.html> Acessado em 14 de Setembro de 2008.

BAKUNIN, Michael. **Textos anarquistas**. Disponível em http://www.pfilosofia.xpg.com.br/03_filosofia/03_09_textos_anarquistas/textos_anarquistas.htm Acessado em 29 Jan, 2008.

_____. **O Estado: Alienação e Natureza**. Disponível em http://www.4shared.com/file/56669566/e7292044/O_Estado_Alienao_e_Natureza_-_Mikhail_Bakunin_-_BPI.html Acessado em 22 de Abril de 2008.

BRACHT, Alessandro. ***Skinheads no Brasil: trajetória e nacionalismo***. Rio Grande do Sul. 2003

CAPELATO, Maria Helena. ***Imprensa e História do Brasil***. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARONE, Edgard. ***Socialismo e Anarquismo através do século***. Petrópolis: Vozes. 1996.

CAPARELLI, Sérgio. ***Comunicação de massa sem massa***. Porto Alegre: Summus, 1986.

CHOMSKY, Noam. ***Uma aula sobre mídia e Terrorismo***. Disponível em http://www.4shared.com/account/file/60275650/26598e2c/Uma_Aula_Sobre_Mdia_e_Terrorismo_-_Noam_Chomsky_-_BPI.html Acessado em 14 de Fev de 2008.

_____ ***O que o Tio Sam realmente quer***. Disponível em http://www.4shared.com/account/file/60275633/e90a7810/O_Que_o_Tio_Sam_Realmente_Quer_-_Noam_Chomsky.html Acessado em 15 de Fev de 2008.

CHINEM, Rivaldo. ***Imprensa alternativa***. São Paulo: Ática, 1995.

COLETIVO DE ESTUDOS ANARQUISTAS DOMINGOS PASSOS - Niterói, 2001. Disponível em http://www.farj.org/intro_correntes.htm Acessado em 15 de Maio de 2008.

COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GÓES, Laércio Pedro Torres de. A mídia alternativa dos movimentos sociais na Web. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2006/Goes_2006.pdf Aceso em 22 de Mar, 2008.

GONTIJO, Silvana. O mundo em comunicação. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2001.

GONÇALVES, Aracely Mehl. **A educação libertária e a imprensa anarquista. (1917-1927)**. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo01/Aracely%20Mehl%20Goncalves.pdf> Acesso em 4 de Mar, 2008.

HARDMAM, Francisco Foot. **Nem pátria nem patrão!** São Paulo: Brasiliense, 1984.

JORGE, Fernando. ***Cale a Boca, Jornalista!*** 4ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

JOSÉ, Emiliano. ***Imprensa e Poder: ligações perigosas.*** Salvador – São Paulo: EDUFBA – HUCITEC, 1996.

KROPOTKIN, Piotr. ***A conquista do pão.*** Disponível em http://www.4shared.com/file/48913454/93968dfe/A_CONQUISTA_do_po_-_kropotkin.html Acesso em 20 de Dez de 2007.

_____. ***O apoio mútuo.*** Disponível em http://www.4shared.com/file/48916932/13a9ec2c/O_APOIO_mutuo.html. Acesso em 20 de Dez de 2007.

KUCINSKI, Bernardo. ***Jornalistas e revolucionário: nos tempos da imprensa alternativa.*** 2ed. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. ***Síndrome da antena parabólica.*** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998, 2002.

LIMA, Marcos Antonio Assis. ***De alternativa a grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil.*** Disponível em <http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/hist-midia2005/resumos/R0209-1.pdf> Acessado em 19 de Agosto de 2008.

LIMA, Mayra. **Imprensa Alternativa**. Disponível em www.webartigos.com/articles/2551/1/imprensa-alternativa/pagina1.html. Acesso em 12 de Jan, 2008.

MACHADO, José Antônio Pinheiro. **Opinião X Censura: momentos de luta de um jornal pela liberdade**. Porto Alegre: LPM. 1978.

MORAIS, Everton. **Ética e subjetivação no pensamento punk**. Disponível em http://www.oestrangeiro.net/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=91. Acessado em 17 de Outubro de 2008.

MOREL, Edmar. **A trincheira da liberdade: jornalista e historiador**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

NOVAES, Washington. **A quem pertence à informação?** Petrópolis: Vozes, 1996.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense. 1993.

OLIVEIRA, João Henrique C. **Anarquismo, contracultura e imprensa alternativa: a história que brota das margens**. Disponível em http://www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/anarquismo_texto_agcrj.pdf acesso em 8 de Mar, 2008.

PROUDHON, Pierre Joseph. **O que é a propriedade?** Lisboa: Estampa, 1975.

REIS, Bianca R. do Nascimento. ***A censura como instrumento de aglutinação da capacidade criativa e cultural dos brasileiros.*** Disponível em <http://www.comunicacaoecensura.blogspot.com/2007/07/censura-como-instrumento-de-aglutinao.html>. Acesso em 10 de Jan, 2008.

ROSA, Susel Oliveira da. ***“Apesar de vocês amanhã vai ser outro dia” Imprensa alternativa versus ditadura militar em Porto Alegre.*** Disponível em <http://www.msmedia.com/nau/01/3susel.pdf> acesso em 26 de Jan, 2008.

SEGISMUNDO; Fernando. ***Imprensa Brasileira: vultos e problemas.*** São Paulo: Alba, 1962.

SILVA, Rodrigo Rosa da. ***Imprimindo a resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo*** (1930 – 1945). Campinas. 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. ***A História da imprensa no Brasil.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. ***A luta pela cultura.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. ***Jornalismo alternativo no Rio Grande do Sul.*** Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/strelow-aline-jornalismo-alternativo.pdf> Acesso em 27 de Fev, 2008.

TEIXEIRA, Nayara Carla. **A mídia alternativa revista Viração**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1182-1.pdf> Acesso em 12 de Vev, 2008.

TOLSTOI, Leon. A violência das Leis. Disponível em http://www.4shared.com/file/59275892/756bcf36/A_Violncia_das_Leis_-_Leon_Tolstoi_-_BPI.html Acessado em 23 de Abril de 2008.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver. Memórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

WALTER, Nicolas. **Do anarquismo**. Disponível em http://www.4shared.com/file/11662679/fa2705b8/Nicolas_Walter-Do_Anarquismo.html Acessado em 19 de Fev, 2008.

WOODCOK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: LPM. Editores Ltda., 1977.

_____. **História das idéias e movimentos anarquistas**. v.1. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.

WOODCOK, George. **Anarquismo. O inimigo do Rei. O estado ainda vive**. Disponível em http://www.lpm-editores.com.br/v3/artigosnoticias/user_exibir.asp?ID=908280 Acesso em: 13 de Nov.2007.

SITES

<http://www.blocosonline.com.br/> Portal de Literatura e Cultura.

<http://www.vermelhoenegro.org/fag/> Federação Anarquista Gaucha.

<http://www.ainfos.ca/pt/> Uma agência de notícias multilínguas de, por e para anarquistas.

<http://anarkio.net/> Ativismo Anárquico pelo Mundo.

<http://www.rizoma.net/hp02.htm> Textos sobre anarquismo.

<http://ateus.net/> Site de busca de livros.

<http://www.geocities.com/autonomiabvr/> Biblioteca virtual revolucionária.

<http://blogmolotov.blogspot.com/> Blog do PSTU

<http://www.cedap.assis.unesp.br/cantolibertario/biblioteca.html> Site com vários livros disponíveis on line.

http://www.assis.unesp.br/cedap/cat_cantolibertario/cat_cantolibertario.html

COLEÇÃO CANTO LIBERTÁRIO (1906-1995)

<http://brasil.indymedia.org/pt/blue/> Centro de mídia Independente.

<http://www.nodo50.org/insurgentes/principal.htm> Coletivo de Estudos

Anarquistas Domingos Passos.

<http://aplebe.wordpress.com/> Blog do fanzine A Plebe.

<http://www.interney.net/blogs/imprensamarrom/> Imprensa Marrom

VÍDEOS

Proposta de introdução de vídeo-documentário sobre a história do jornal anarquista O Inimigo do Rei. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=juf4sHTNffw> Acessado em 13 de Outubro de 2007.

Vídeo-Documentário sobre o jornal anarquista O Inimigo do Rei, publicado entre os anos de 1977 e 1988. Nesta primeira parte são abordados o Golpe Militar de 1964, e o anarquismo. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=WvDKhtam-WU> Acessado em 13 de Outubro de 2007.

Continuação do Vídeo-Documentário sobre O Inimigo do Rei. Trechos de entrevistas com os criadores do jornal, e com outros militantes anarquistas mais novos. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=nSqgyUS7tQ4> Acessado em 13 de Outubro de 2007.

Tony Pacheco, João Henrique Oliveira e Waldir Paganotto na "mesa" com debate sobre o jornal anarquista O Inimigo do Rei. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=eLdFGZfwMqs> Acessado em 14 de Outubro de 2007.

Entrevista no sítio onde se localiza a Biblioteca José Oiticica, no bairro de Valéria, em Salvador, Bahia. Mendes fala sobre os anos que antecederam sua

vinda para Salvador, onde criou junto a outros anarquistas o jornal O Inimigo do Rei. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=lwGYbMRUD3s> Acessado em 13 de Novembro de 2007.

Entrevista sobre anarquismo e o jornal O Inimigo do Rei, publicado entre os anos de 1977 e 1988. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=9aEuTZU4OaQ> Acessado em 4 de Novembro de 2007.

Antonio Mendes fala sobre sua chegada a Salvador, até a formação do grupo que criou o jornal O Inimigo do Rei. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=b0XwLBYrWcg> Acessado em 5 de Novembro de 2007.

Na entrevista Hilda mostra como conheceu o movimento anarquista nos anos 70, sua participação entre a militância marxista, e as diferenças entre aqueles dois movimentos. Além disso, ela informa como teve contato com o jornal O Inimigo do Rei. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=c7tg3BBdEyM> Acessado em 6 de Novembro de 2007.

Tony Pacheco aborda a forma como foi criado o jornal O Inimigo do Rei. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=9BnrevLTThI> Acessado em 18 de Novembro de 2007.

Mais informações sobre o Anarquismo e O jornal O Inimigo do Rei, publicado

entre os anos de 1977 e 1988. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=5m-CjsqnQXM> Acessado em 18 de Novembro de 2007.

O entrevistado Antonio Carlos Oliveira fala mais um pouco sobre o jornal O Inimigo do Rei, adicionando algumas críticas ao movimento anarquista em SP. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=q4XeCsHxqhc> Acessado em 16 de Outubro de 2007.

João Henrique fala sobre sua pesquisa acerca da Imprensa Alternativa e do jornal anarquista O Inimigo do Rei. Disponível em http://br.youtube.com/watch?v=_zrjUBIQi8w Acessado em 19 de Outubro de 2007.

Tony Pacheco relata algumas lembranças de fatos ocorridos na década de 80 com referência ao jornal O Inimigo do Rei. Disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=PX9tJtM5oiE> Acessado em 23 de Outubro de 2007.